



**Museu da Pessoa**

*Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.*

## História

### História de Vida



#### Tags

- [cidades](#)
- [telecomunicações](#)

#### História completa

##### PESSOAL

Nome e nascimento Meu nome é Regina Doubles Correa Belo Pereira. Minha data de nascimento é 5 de outubro de 1954, em Bauru, estado de São Paulo.

##### FAMÍLIA

Pais Os meus pais são Antônio Carlos Wutke Correa e Geny Doubles Correa. Meu pai era representante comercial. E minha mãe, professora da universidade. Avós Conheci meus dois avós paternos. Dos maternos, só o meu avô. O meu avô paterno é Antônio Correa Júnior e minha avó é Joaquina Wutke Correa. Meu avô materno, Henrique Doubles, e a minha avó materna, Regina Gross Doubles. Meu avô era romeno por parte de mãe e minha avó, polonesa. Meu avô veio no final da Primeira Guerra, de navio, desceu em Porto Alegre. Saiu vendendo gravatas por Mato Grosso. Imagina Mato Grosso usar gravata naquela época Mas começou a ganhar a vida assim. Chegaram, aqui, pelo Triângulo, vendendo vidro, trabalhando no ramo de vidraçaria, e, depois, meu avô se estabeleceu em Uberlândia. Eles eram judeus, mas eles se desligaram, não existia comunidade aqui. Minha avó morreu, minha mãe era muito nova, tinha só dez anos, era filha única, e ficaram ela e meu avô por Uberlândia. Isso pelo lado da minha mãe. Pelo lado do meu pai, eles são do estado de São Paulo. Minha avó é de Campinas, meu avô é de São Carlos. Ele, filho de portugueses, ela, filha de alemão com brasileira, e, depois, meu avô veio para Uberlândia, já casado com minha avó. Meu bisavô veio ao Brasil

para construir estrada de ferro. Então, daí a história deles estarem no interior de São Paulo, todos ferroviários. Depois, o meu avô era jornalista, na época, e veio para Uberlândia, veio trabalhar no começo do Correio de Uberlândia, e, aqui, meu pai conheceu minha mãe. Casamento O meu marido, Luciano, é do táxi aéreo, é piloto como o Dr. Luiz. Casa de infância Minha casa sempre foi uma casa muito alegre, muito movimentada. Minha mãe é professora de piano, tocava piano. Meu pai cantava. Os dois dançavam tango, e tinha muita festa em casa. Eu tenho muita lembrança boa da casa, com muita gente, com muita família visitando a casa, e nós, eu e meus dois irmãos, também sempre trouxemos muitos amigos para casa. Na nossa juventude também, com os amigos em casa, uma vidinha muito feliz. Essa casa ficava em Uberlândia. Eu vim para cá com sete anos, morava na Rua Silva Jardim. Em Bauru, eu morei até os sete anos, na Rua Sete de Setembro. Primeira infância Meu pai sempre gostou muito de tirar fotos. Então, eu tenho registro de todos os meus amigos da rua. Era uma comunidade. Muito bom. Tinha uma igreja muito perto de casa que tinha uma escadaria enorme. Na época, a gente achava enorme, com corrimões, e a gente descia por esses corrimões escorregando. E, há pouco tempo, eu tive a oportunidade de voltar lá, e a igreja não era tão alta, a escadaria não era tão grande assim. Acho que a gente é que era pequeno. Mas são boas recordações. Não posso dizer que foi nem bom nem ruim a mudança de cidade, na época, mas foi marcante, porque meus pais vieram com meus dois irmãos, e eu fiquei para terminar o ano escolar - isso era setembro. Então, fiquei morando com a minha avó paterna, meu avô e uma tia. De um lado, eu sentia muita falta dos meus pais, dos meus irmãos, mas eu era muito paparicada pelos meus avós e pela tia. Levava vida de princesa com eles e acho que eles sofreram mais do que eu quando eu vim embora, porque, enquanto eu fiquei, tinha ficado um pedacinho do meu pai lá, e, para eles, foi pior ainda. E eu era muito nova quando cheguei aqui. Era uma rua muito movimentada de novo, cheia de gente da nossa idade. Então, logo formei uma comunidade nova por aqui. Na rua rolavam brincadeiras de xerifê e bandido, pique-pega. E era bola, muita bola. Eu tinha mania de fazer discurso de político, subir em cima de um chafariz desativado, fazer discurso na praçinha, e tinha uma turma que ouvia o discurso nessa praçinha. Essa turma era de uns 20 meninos. E havia uma escolinha que funcionava nas férias. A gente arrecadava dinheiro da meninada toda, comprava material e lanche, e funcionava uma escola, direitinho, com material e tudo, nas férias. Eu e uma amiga éramos as duas professoras, as donas da escolinha.

## EDUCAÇÃO

Primeira escola A minha primeira escola foi em Bauru, porque eu fiz jardim e pré lá. Não consigo me lembrar mais do nome do jardim. A da primeira série era alguma coisa Azevedo, não me lembro do primeiro nome. Era um colégio que eu cheguei a fazer a primeira série em Bauru. Formação escolar Em Uberlândia, a escola era o Externato Rio Branco. Era a Dona Carlota, uma senhora muito enérgica, muito brava, mas muito boa. E meu irmão me chamava de Gigi, e a gente tinha um sotaque muito de interior de São Paulo. Então, eu contava para todo mundo que eu vinha para uma cidade onde não se falava leite, falava-se "leiti". Contava isso para todo mundo em Bauru e, quando eu cheguei aqui, e meu irmão chegava na porta e falava: "Gigi, pelo amorrr de Deus, me dá a minha lancheira", todo mundo ria, e eu morria de vergonha. Então, no começo, foi muito engraçado com aquele sotaque todo de paulista. A primeira coisa que eu quis fazer foi aprender a falar como o pessoal daqui, para não falar "leite quente". Nessa escola, além da minha primeira professora, outra que marcou, que ficou na memória, foi a professora da quarta série, dona Glória, que foi muito legal. Tenho ótimas lembranças dela. Ela era uma gorda simpática, que sabia ensinar, que tinha prazer em ensinar, e eu sentia que ela tinha prazer em ensinar. E eu sempre fui muito boa aluna e adorava ser aluna dela. Porque quando eu vim para cá, eu vim para fazer a segunda série. Minha professora era uma moça linda. Então, a gente era apaixonada por ela, a gente ia na casa dela, que era perto da escola. Ela, coitada, devia ficar de saco cheio, porque a gente vivia atrás dela, na casa dela. Depois disso, na terceira série, já foi uma professora brava, eu me lembro muito bem dela, mas a da quarta série ficou, D. Maria da Glória, uma gordona simpática, boa. Eu estava um pouco adiantada na escola e não tinha idade para ir, na época, para a primeira série do ginásio - hoje, a quinta série. E, no colégio estadual, tinha um exame de admissão, para poder passar para o ginásio. E o exame de admissão tinha uma prova só, de três dias, e, depois, tinha um exame de admissão, de dois meses ou de um ano. Fiz a prova de exame de admissão e passei em primeiro lugar, e eles me deixaram ficar na quinta série. Mas, no dia de chamar os alunos e dividir nas salas, quando fui chamada, tem uma figura histórica aqui em Uberlândia do colégio estadual, o professor Vadico - ele foi diretor anos e anos do colégio estadual -, quando eu passei por trás dele - ele chamava a gente, e a gente subia uma escadaria e passava por trás dele -, ele me pegou e me levantou na mão dele, para me mostrar para todo mundo, porque eu era o primeiro lugar e eu era tão pequena, que ele me pôs sentada na mão dele. Eu fiquei com muita vergonha, porque todo mundo falava assim: "Nossa, o professor Vadico te pegou no colo" Então, entrei no colégio estadual marcadíssima já, todo mundo me conhecia. E eu fiquei muito envergonhada durante um bom tempo. Então, até passar isso, o pessoal mexeu muito comigo, porque eu era muito novinha, muito pequena. Na época do final do ginásio, foi uma época com um pouco de conflito, porque eu sempre fui muito boa de matemática e eu queria fazer física nuclear. Então, eu queria fazer o científico. O clássico era para quem gostava de línguas e o normal para quem queria dar aulas, e a idéia dos meus pais era assim: "É melhor ser uma menina pobre. Você quer começar a trabalhar, quer começar a ter as tuas coisas, faz um curso que é profissionalizante, que te dá um meio de você ganhar a vida e poder estudar em qualquer lugar que você queira". Eu fui fazer o curso normal muito revoltada, porque não tinha nada que eu quisesse dali, eu detestava dar aula. Minha mãe foi professora a vida toda, e eu não queria seguir o caminho dela e acabei fazendo o curso normal. E estava com 14 para 15 anos, estava muito nova. Então, esse meu curso normal foi um desastre Dei muito trabalho na escola, fui muito indisciplinada, juldei dos professores, do diretor, essa parte foi ruim. Faculdade de Artes Plásticas Aí, no afã de continuar, de não perder tempo para fazer cursinho, eu já resolvi fazer direto a faculdade, num curso que eu pudesse entrar direto, e fui fazer artes plásticas. Já tinha pintado em Bauru e fazia parte de um grupo de uma escola de pintura. Tinha estudado música a vida inteira, fiz dez anos de conservatório, então, eu sempre gostei de artes. Aí, fui fazer artes plásticas.

## CORPORATIVO

Primeiro emprego Meu curso de artes plásticas era muito caro. Eu já queria trabalhar, e o meu avô Henrique falou: "Olha, vem uma empresa para Uberlândia e vai ter um concurso. É uma multinacional muito grande que mexe com computadores. Você não quer fazer esse concurso?". Aí eu procurei, me inscrevi e comeci a minha vida profissional. Fiz uma prova e, depois de aprovada, eles me disseram que eles não poderiam me contratar porque eu tinha 17 anos e não poderia fazer o curso - a IBM não contratava menores. Daí, eu pedi para ser ouvinte. Era uma turma só de 20 pessoas. Não ia incomodar e não ia concorrer à seleção. Eles concordaram. No final, desses 20, eles tiraram oito para estagiar, e eu estava entre esses oito. Eles me deixaram ir para a IBM. Desses oito, eles tiraram três, e eu estava no meio dos três. Eles me falaram: "Infelizmente, você estava avisada desde o começo que não pode, você é menor de idade". Eu peguei e continuei os meus estudos e, daí a alguns meses, eles me chamaram na IBM. Falaram: "Você já vai fazer dezoito, se quiser já começar seu processo de contratação...". E eu entrei para a IBM. Ingresso na CTBC A CTBC começou a montar a equipe de informática, teve o engenheiro Cláudio Leig, que foi convidado para vir para cá e montar a

informática, e ele começou a contratar pessoas, e eu e mais algumas pessoas da IBM fomos convidadas para ganhar muito mais na CTBC. Isso foi em agosto de 1975. A IBM te dava opção de ir para qualquer parte do Brasil e do mundo, mas eu já gostei da idéia de ficar na CTBC, de ficar em Uberlândia, de ficar com os meus pais. E achei boa a idéia de ir para a CTBC e dar continuidade àquele trabalho lá, fazer crescer, tinha muitos sistemas ainda a serem desenvolvidos, havia folha de pagamento, o controle de interurbanos, as estatísticas, tudo. Era uma coisa que já estava me coçando, me cativando: "Ah, eu acho que eu vou para a CTBC". Fiquei num dilema danado, porque, na IBM, você recebe uma dose pesada de aculturação IBM, você é um ser IBM, é um ser muito especial, um "IBMmista", é uma coisa assim do outro mundo. Então, os "IBMmistos" são seres muito orgulhosos de pertencerem à IBM. E, aí, ir para uma empresa pequena, privada - a CTBC era circunscrita à região... Mas eu gostei muito da idéia, do desafio, achei que era uma boa proposta e fui para a CTBC em agosto de 1975. Eu já estava terminando minha faculdade de artes, achei que valia a pena terminar aqui. E estou até hoje.

## **CTBC**

Normas internas A norma de não poder casar era aplicada às telefonistas. Aí, eu avisei, falei, na época, com o Valmiro: "Olha, eu vou me casar. Então, vocês já precisam preparar alguém para ficar com o faturamento porque é traumático". Ele falou: "Regina, eu quero saber seis meses antes, seis meses é suficiente para formar alguém?" Eu falei: "É o mínimo. Então, vamos começar, porque eu vou casar em janeiro de 1980", mas devia ser agosto por aí, de 1979. Aí, começamos já a treinar uma equipe, e, quando foi chegando mais próximo, ele falou: "Olha, o Sr. Alexandrino disse que você vai ficar". Eu falei: "Ah, vou?" "Vai". Meu marido já era funcionário do grupo também, e o Sr. Alexandrino falou: "Não, vai ficar sim Não precisa sair por causa de casamento, não. Com filho é que não dá certo, mulher com filho não dá, não tem jeito de trabalhar. O Luciano voa muito, viaja muito, não vai atrapalhar você trabalhar, não. Mas filho atrapalha" Aí, eu fiquei cinco anos sem filho. Jornada de trabalho Eu sempre estava muito sem horário. Na época, eu já fazia administração, foi quando comecei faculdade de administração, casada. Eu chegava da escola, fazia um pouco de trabalho e, quando ia dormir, tocava o telefone e tinha dado pau no faturamento, ou em serviço de banco - banco também só processava à noite. Acho que a cena mais triste para mim era sair às sete horas da manhã, na porta da CTBC, na Cidade Industrial, e estar cheio de fusca amarelo e Fiat amarelo. Era o serviço de Serca (Serviço de Correspondência Agrupada), fazia malote de banco, e se eles estavam ali na porta a essa hora era porque não tinha saído o serviço à noite. Então, aquilo era um desespero total Total Então, a gente teve umas coisas assim que a gente de vez em quando lembra e diz: "Como a gente sofre, às vezes, por pouca coisa". Mas, na época, aquilo era um horror. O meu marido também tinha uma vida muito irregular como piloto de táxi aéreo. No mesmo momento que a gente estava pronto, saindo para jantar, ele estava tirando a roupa, pondo o uniforme e subindo para o aeroporto. E eu, muitas vezes, estava chegando para dormir, tocava e eu falava: "Já, já eu volto". E ele falava: "Ham, ham". Ele já sabia que era só de manhã, quando voltava Porque, às vezes, eu já até emendava e deixava para vir dormir à noite. Então, ele teve que se acostumar. Imagino que não foi fácil para ele também, não. Reestruturação A informática, nessa época, processava 68 contabilidades. Apesar de não existirem 68 empresas atuando, existiam muitos CGCs. As empresas telefônicas que foram adquiridas pela CTBC - Etisa e Etusa, que era Itumbiara, Ituiutaba, Uberaba etc - mantinham-se como empresas à parte. Então, ao todo, dava 68 CGCs para processar ativo-fixo, contabilidade, 50 e tantas folhas de pagamento. Nós chegamos a ter folha de quase 14 mil funcionários. Era um negócio de muito volume. E aí, quando começou essa reestruturação em 1989, 1990, foi-se enxugando. Acho que baixamos logo para 28 CGCs, caímos acho que em torno de 7 mil funcionários, 7 mil e quinhentos funcionários. E as empresas recém-adquiridas relutavam em estar sob controle, aqui, em Uberlândia. Éramos tidos como os mineirinhos lá do interior. E tinham as empresas de São Paulo, de alta tecnologia - existia uma certa discriminação. Tentei ajudar muito uma empresa no Rio, a ABCTI, na época, tentando alavancar a informática lá e corrigir alguns problemas, mas a gente não tinha muita facilidade de chegar lá e achar espaço para ajudar. Associados O novo Associado ele vai encontrar aqui a oportunidade de estar sempre up to date com o mercado. Ele vai ser o que quiser ser, porque aqui você conquista o que você quiser conquistar. O Grupo Algar em geral e a CTBC, onde eu estou há muito tempo, te dão todas as oportunidades. O que você quiser ser lá dentro, você consegue. É pela sua competência. Não existem políticas lá dentro que segurem ninguém. Então, as pessoas que se dedicarem a ter alto desenvolvimento e que queiram crescer lá dentro, elas têm oportunidade. Elas vão acabar ficando lá 25 anos, como eu.

## **TECNOLOGIA**

CSDs (Centros de Serviços de Dados) Nessa época o trabalho era bem pré-histórico mesmo, porque, hoje, essa agendinha de bolso Casio tem mais memória do que tinha o nosso mainframe. O computador central maior que tinha lá, tinha 16 Kb de memória. Naquela época, a IBM estava trabalhando com Centros de Serviços de Dados, eram CSDs, que ela montava para prestar serviços. Então, em Uberlândia, já tinha Caixa Econômica Federal, havia algumas empresas, alguns bancos, para os quais ela já prestava serviços. A CTBC contratou a IBM para desenvolver alguns sistemas, e eu já participei do desenvolvimento e da implantação desses sistemas. Já existia o Armazém Peixoto, que foi um dos pioneiros em se interessar pela informática, mas era uma coisa muito tupiniquim. Eu tive, durante muitos anos, um problema no pulso, de carregar caixas de cartão pesadas, que eram os meus programas, que eu levava para compilar aquilo. Eu programava numa linguagem primitiva de computador, no Assembler. Então foram os primórdios, lá em 1972.

## **GESTÃO / EMISSÃO DE CONTAS**

Emissão de contas A CTBC precisava de sistemas para a emissão das contas e o controle de acionistas e ações. Do sistema de faturamento, do sistema de contas a receber, a gente foi desenvolvendo vários sistemas para CTBC. Era literalmente na unha. E ia conferindo na unha, porque as digitadoras pegavam os bilhetinhos de interurbano, que elas preenchiam na mão, e tinha um aparelho, (SEBIU) que eu não me lembro mais do nome, que marcava o horário de início da chamada e, depois, o horário de término da chamada. Era um tipo de tacógrafo, era ele que registrava. Então, no momento que ela carimbava ali o horário final, ele era como se fosse um relóginho, continuava contando, e ficavam registrados o início e o término da ligação. Aquilo era passado para digitadores digitarem, bilhete por bilhete, em cartão - naquela época, cartão de oitenta colunas. Depois, a coisa evoluiu para umas fitas perfuradas de papel, aquilo engastalhava, rasgava. Você não sabia de qual maço de bilhetes que era. Então, os bilhetes eram organizados em lotes e com uma borrachinha, e aquilo ficava nos escaninhos. Tinha que ser uma organização muito grande, e a conferência também, porque o papel do bilhete podia grudar um no outro e deixar de digitar algum. Era um processo sofrido, manual pra burro. Esses rolos de fitas perfuradas vinham para a gente ler aquilo, converter aquilo nos disquetes grandões, que entravam para dentro do computador. Naquela época, tinha o digitador e o conferente. Tinha o pessoal do controle de qualidade, ali, na entrada, que contava quantos bilhetes tinham num macinho e, quando o digitador terminava e entregava para o conferente, ele via se batia com aquela grade que vinha, para ver se o número de bilhetes batia e, aí, o conferente checava. Passavam por várias etapas, mas ganhava-se muito em produtividade, porque, antes

disso, o processo era batendo à máquina, as contas, bilhete por bilhete, batendo à máquina, somando na calculadora - aquelas de manivela. Foi um processo, e se automatizou. Na época, foi uma revolução para a CTBC: reduziu imensamente o tempo de emissão de uma conta, a capacidade de processamento, de volumes processados e a segurança. Então, de vez em quando, a gente tinha a notícia que tinham encontrado uns bilhetes guardados dentro de gavetas das moças, das telefonistas, que eram ligações, às vezes, para namorado, ou da família. Elas retiravam os bilhetes... Então, quando tinha um escândalo assim, de corrupção, era bilhete que, às vezes, ficava guardado. Às vezes, era alguma coisa até que estava perdida ali. Mas todo mundo caçava bilhete de interurbano naquela época. Primeiro computador Ainda pela IBM, a CTBC era nossa cliente. Então, a gente tinha um birô que processava os dados para a CTBC, emitia as contas para a CTBC, emitia as cautelas de ações, os livros de registro de ações. Era uma prestação de serviço para a CTBC. Então, a gente começou a conviver com a CTBC como um cliente lá. Aí, a IBM mudou a estratégia dela. Na verdade, montar um CSD numa cidade era uma forma de se criar uma clientela cativa de informática e, depois, ela vendia a máquina, punha a máquina no cliente, ele criava o CPD dele, e a IBM, com isso, foi desativando seus CSDs. E, nessa época, a CTBC comprou a primeira máquina dela, um sistema, salvo engano, modelo 370 da IBM, geração 370, modelo 115. Já era uma máquina moderníssima, porque já tinha console. Então, o operador já conseguia conversar com a máquina. Não era só botão e luzinha, não.

## CPD

(Centro de Processamento de Dados) Esse CPD era lá na Cidade Industrial, onde hoje é a Algar. Era um galpão, não tinha nada por perto, não se tinha recurso algum, ali na Cidade Industrial. Existia uma fábrica de geléia de mocotó em frente. Então, nas madrugadas, a gente costumava comprar uma geléia de mocotó redonda, deste tamanho, dessa altura e comia aquilo, para não morrer de fome, porque a gente varou madrugadas e madrugadas. Eu logo peguei para a minha responsabilidade o sistema de faturamento. Foram 15 anos cuidando do faturamento. Geralmente ele só rodava à noite e nos finais de semana. Então, eram sempre 48 horas, 72 horas dentro da empresa. Era para não atrapalhar os outros processamentos. Logo esse CPD da CTBC começou a prestar serviços. Logo, nós viramos um birô. A gente prestou serviço para alguns bancos extintos, como o Sul Brasileiro. Nós tivemos os Armazéns Martins como clientes. Teve uma época em que tivemos muitos clientes, era um birô rentável, que poderia ser uma empresa, tinha vida própria. A CTBC, com aqueles serviços ali, todos os serviços da CTBC pagavam-se com aquela atividade que nós tínhamos ali, extra. O processamento do faturamento era muito demorado, eram etapas longas de oito horas do famoso merger, para juntar o cadastro do cliente, com todos os serviços dele e mais os interurbanos, para poder elaborar a conta. Essa foi uma etapa muito demorada, muito pesada. É merger porque, em inglês, merger é juntar as coisas. Então, era o merger - brasileiro tem mania de usar termos em inglês. Levávamos oito horas para fazer uma parte dessa classificação das contas, da junção de tudo. Mas eram etapas longas, depois, para classificar, pôr em ordem, pôr número de telefone e pôr interurbanos por ordem, era mais uma etapa imensa de classificação disso. Dez, doze horas de processamento. Então, havia uns sofazinhos perto das salas do computador onde a gente já passou muitas noites cochilando por ali. Dava muito pau. Muito pau. Esses problemas eram reportados para a IBM e aí eram sempre os bugs. E tinham patches de correção, que a IBM enviava e mandava novas versões, e eu, muito curiosa, gostava muito de acompanhar o pessoal da IBM e pedir para eles se eu podia acompanhar aquela manutenção ali, aquela instalação de uma nova versão. Isso depois teve nome - na época, não tinha nome -; depois, virou suporte técnico. Toda área de informática tem suporte técnico. Eu já era uma pessoa que tinha esse perfil para suporte técnico. Nós estruturamos a área de suporte técnico, e eu visitei e fiz alguns match makers - estava começando a se estruturar isso, na época. A IBM ajudava a formar o perfil do pessoal. Aí, eu fui ser gerente do suporte técnico. E na época de rodar o faturamento, que era uma vez por mês, eu trocava de casaca e virava analista do faturamento. Passava o faturamento e eu voltava a ser gerente de suporte. Tinha um esquema com os carros da empresa, que traziam esses malotes. Os dados eram digitados aqui. Era tudo centralizado aqui, tínhamos uma área grande de digitação. Chegamos a ter aproximadamente 130, 140 pessoas. Eu devo ter escrito a cronologia de quanto tempo esse equipamento pioneiro ficou operativo, porque teve uma época em que eu escrevia sobre isso, sobre a evolução da informática dentro da CTBC. Mas eu tenho a impressão que foi por uns dois anos, 1975 e 1976. E, aí, a gente começou a ter um marco, a IBM precisava fechar quota - eles sempre trabalhavam por objetivo, por quotas. Então, no final do ano, eles traziam a máquina nova, e a gente passava Natal e Reveillon instalando máquina nova. Transição IBM-Bull Foram alguns anos seguidos assim e a gente foi evoluindo até 1984, salvo engano, quando o Grupo Algar se associou com a Bull francesa. Aí nós começamos a mesclar nosso parque, começamos a ter máquinas IBM e máquinas Bull. Essa conjunção IBM-Bull foi uma divisão da equipe ao meio. Teve-se que, na verdade, ou dobrar os esforços das pessoas para conhecer as duas tecnologias, ou limitar as equipes - parte da equipe Bull, parte da equipe IBM - e tentar tratar melhor a diferença, o choque de tecnologia, porque ele era muito grande. O pessoal era muito reativo, na época, a uma tecnologia nova. O motivo principal das pessoas, inclusive, saírem, naquela época, era alegando que a IBM tinha mercado profissional. Quem soubesse lidar com máquinas IBM tinha mercado no mundo inteiro. E um profissional de máquina Bull estava muito limitado, não se tinha notícia de Bull em lugar nenhum. A participação da Bull no mercado brasileiro era pequena. Então, foi uma época difícil, tirou todo mundo da sua área de conforto, porque todo mundo que já dominava bem a tecnologia foi reaprender para poder dominar a fera nova. Era uma coisa assim que não depende de você, vem de cima, é o negócio da empresa. A nossa empresa era dona, era sócia de uma fabricante de computadores. Como é que nós poderíamos nos posicionar no mercado como vendedores, se nós mesmos não tínhamos comprado? Então, eu me colocava no lugar do dono, do acionista. Eu falava: "Gente, ele está coberto de razão, porque a primeira vez que um vendedor chegar numa empresa oferecendo uma máquina dessas, eles vão perguntar: vocês têm lá?" Assim como existiam críticas. Eu estive na França, na Bull, por um mês, e tinha uma crítica muito grande que o governo francês tinha uma participação muito grande na Bull e só tinha máquinas IBM. A gente ouvia isso, eu nem sabia se era verdade ou não. Mas, se você ouve isso, você sabe que é por aí que o mercado vai pegar. Então, dentro disso, achei que era nossa obrigação, que nós não tínhamos muito que discutir isso. Nós tínhamos que aprender a dominar aquela tecnologia e tirar o máximo proveito dela. Durante um bom tempo isso foi política do Dr. Luiz, de que a gente deveria conservar as duas tecnologias, até para acompanhar o concorrente. E, durante muitos anos, a gente passou por esse esforço enorme de manter as duas tecnologias, até que se decidiu tirar as máquinas IBM, porque o mercado dizia: "Você tem Bull lá, mas você não saiu fora do IBM". O mercado cobrava isso. Então, acho que isso coincidiu com a chegada do Sr. Mário Grossi. Ele falou: "Não, põe pra fora as máquinas IBM, vai ficar só Bull aqui". Migração para Bull Nós demos alguns passos atrás, em termos de tecnologia, porque estávamos há muitos anos com IBM, estávamos lá na frente em tecnologia e, no Bull, a gente estava começando. Então, demos alguns passos atrás. A migração do sistema de faturamento para o Bull foi muito traumática, perdemos muito dinheiro, deixamos de faturar muita coisa, faturamos errado muita coisa. Foi muito trabalho para se corrigir e se chegar de novo nos trilhos. Tivemos que pedir muita ajuda de fora. Naquela época, a gente já começou a contar com terceiros na equipe. O que hoje é natural, naquela época não era. Todo mundo era um funcionário da empresa, com carteira assinada. Naquela época, a gente já começou a contratar gente da Telegoias, que tinha experiência com Bull, porque a Bull fez uma venda muito boa no Sistema Telebrás, na época. Acho que existiam umas 17 a

20 telex com máquinas Bull. Quase que se criou um padrão no Sistema Telebrás com Bull. Então, existiam outras empresas operando o mesmo sistema de faturamento que o nosso, porque a gente teve que importar para nos dar uma ajuda, para a gente sair do outro lado. Foram de seis meses a um ano para esse processo estar sedimentado. Os primeiros seis meses foram muito doloridos. Nos últimos seis, as coisas já estavam começando a voltar à normalidade. O mainframe da Bull está aí até hoje rodando, um dos nossos principais sistemas de suporte de operação. Mas com o tempo contado. Devemos desativar esse mainframe dentro de alguns dias. Mas a gente já estava trabalhando com plataformas mais baixas da Bull, com máquinas Risc que, nesse caso, a Bull e a IBM têm um projeto em conjunto. Elas só mudam de nome, mas é exatamente a mesma máquina. Então, a gente tem essa tecnologia da Bull ainda. A gente já diversificou algum tempo nas plataformas mais baixas para outros fabricantes. E, em breve, em dois ou três meses, acho que a gente estará desativando o último grande mainframe. Transmissão de dados Nós já tínhamos terminais instalados em todas as regionais. Já da época da IBM, todas as regionais já tinham os terminais burros, remotos, controladores nas regionais, concentradoras desses terminais, e todos eles já tinham acesso ao mainframe aqui. Nessa época, as regionais já estavam todas interligadas. As outras empresas do grupo nós processamos essa parte básica delas, mas os sistemas core, próprio da atividade delas, sempre foi iniciativa delas. Nós não conseguimos trazer tudo, centralizar tudo, não. Até porque eram atividades muito diversificadas. A fábrica de óleo, por exemplo, tinha que fazer um controle de compra de soja, e tinham filas e filas de caminhões para descarregar. Era o controle daquela descarga de soja dentro da fábrica e controle de umidade de armazenamento. São coisas muito específicas que não têm nada a ver com telecom, que não têm nada a ver com a Gráfica Sabe. Cada uma tinha o seu negócio muito próprio, e os sistemas também são muito próprios. Os sistemas eram desenvolvidos autonomamente, não tinham a participação desse grupo pioneiro do CPD. O que a gente teve, durante muitos anos, foram as recomendações. Começou a microinformática, mais intensamente, mas as recomendações saíam. Nessa época, o CPD já não era da CTBC, era da Empar, que era a holding. Então, as recomendações de fornecedor, de porte de máquina, de configuração saíam da Empar para as empresas. Tinha alguma coisa do tipo: "Olha, superintendente, você vai comprar com o nosso amém". Como hoje está se criando lá no Projeto Cerrado, um núcleo para se processar os sistemas que são comuns às empresas, os administrativos, os back-offices, naquela época já era assim também. O que a gente processava era contabilidade, folha de pagamento, controle patrimonial, contas a pagar. O que era padrão para todo mundo ficava dentro do CPD da Empar. Cliente-servidor Nós passamos aí por algumas revoluções. Os downsizings, que mexeram muito já com a estrutura de informática, já criaram perfis novos na informática e aplicações novas também. Então, empresas com processamentos muito pesados, tipo informática em telecomunicações, têm sempre o papel do mainframe. É como um banco. Você não ouve falar até hoje que Bradesco, que Itaú fez downsizing. Está todo mundo processando em mainframe. A Telefônica está em mainframe até hoje. E esses mainframes perpetuaram-se em alguns tipos de aplicações. Mas as aplicações mais departamentais, as mais novas, já chegaram com cliente-servidor. Nós já estávamos aí, não mais com os terminais burros, mas com a microinformática já a pleno vapor, até com pequenas aplicações, as departamentais - já em microinformática e nós fomos aprender, reaprender, uma série de coisas. A parte de cleaning é sempre um problema. O cara jura por Deus que não mexeu, mas é claro que é ele quem deletou, porque some um arquivinho, e não funciona mais nada. Então, imagina isso remotamente, nessas cento e tantas localidades nossas, com o computador, para você manter as aplicações atualizadas e tudo. Depois que a Internet começou a evoluir um pouco, a gente começou, pelo menos, a mandar atachado, por e-mail, o arquivinho para ele atualizar lá. O nível de estresse baixou um pouco. Até então, eu ia lá, sempre com os disquetinhos. Um bom informático tinha uma caixinha à mão, com os disquetes, e aquilo valia ouro. Tinha um back up em casa, back up daquilo para todo lado. Tinha que ir até lá e instalar, testar lá, deixar uma copiazinha e falar: "Guarda no cofre, se precisar de novo, caso desapareça de novo da sua máquina, você já sabe, você copia deste disquetinho". Deu muito trabalho. Atualização de softwares Em toda essa vida eu passei por muitos momentos de pânico absoluto, total. Muitos Informática é sempre um ambiente de alto estresse. Cada vez que você vai fazer uma migração de máquina, você faz todas as cópias, os back ups. Faz duas, três vezes. Na hora do restore, você tenta com o primeiro, às vezes, com o segundo, às vezes, com o terceiro e não restaura na máquina nova. Então isso é um desgaste muito grande, porque você, geralmente, começa isso numa sexta, às seis horas da tarde, e, no sábado de manhã, já era para você estar começando a rodar na máquina nova, e você ainda não conseguiu fazer nada. E domingo de manhã também não. E domingo à noite dá um desespero porque, segunda cedo, todo mundo está lá para trabalhar, e não tem nada no ar ainda. Isso sempre foi assim e continua sendo. Mudaram os ambientes, as linguagens de programação, os próprios softwares mudaram, mas esse estresse das migrações, de troca de versão de software, você sempre passa pelas mesmas histórias. Nós passamos um Carnaval tentando emitir conta. E existia uma norma da Telebrás que a conta tinha que estar na mão do cliente dez dias antes do vencimento. E nós já estávamos a cinco dias do vencimento e não tinha nem sinal. Você olhava assim e não tinha nada vindo. Então, foi de dar desespero em todo mundo, de chamar suporte de tudo quanto era lugar que a gente podia e tentar fazer emitir essas contas. Elas foram saindo quase de pacotinho e correndo, levando para os bancos, num esquema todo especial, para poder chegar na mão do assinante, e rezando para que ninguém reclamasse lá no Minicom, na época, para que não trouxesse problema. Esse Carnaval foi de matar. Isso foi próximo de 1980. Por estar muito perto de eu casar, deve ter sido. Eu já naquela angústia, achando que eu ia sair - porque, naquela época, casava-se e saía da empresa. Então, eu lembro que foi uma época bem angustiada, mas eu não sei precisar mais. 79, 78, acho que foi por aí. Integração tecnológica Essa nossa profissão é gratificante nesse sentido, porque você está acrescentando todo dia muita coisa. Você não pára no tempo. Quem parar morreu, já está lá atrás. E eu me considero uma bem-aventurada, porque peguei essa história toda e não me defasei. Hoje, dentro das tecnologias, tem as tradicionais, existem os sistemas, até hoje existem os faturamentos, existem contas a pagar, contas a receber, folha de pagamento. E eu já passei dessa fase, eu já participei de todas as grandes ondas de sistemas que existiram, desde R

P - quando se começou a falar na sigla RP, nos sistemas integrados para back office, a CTBC já estava implantando o projeto Sif dela. E eu coordenei esse projeto, e nós nos antecipamos ao mercado. E a gente falava assim: "Será que a gente escolhe o melhor de cada fornecedor e integra tudo? Ou será que é melhor a gente ver qual fornecedor tem um conjunto mais harmônico que tem mais chance de ser legal, mas que já esteja tudo integrado? A ênfase está em ter o melhor de cada ou de ter tudo integrado, totalmente integrado?" Então, a equipe concluiu que era melhor optar pelo integrado, mesmo que, individualmente, não se estivesse tendo as melhores soluções. E aí, nós fizemos os sistemas integrados, administrativos e financeiros. Aí, depois, veio a onda com o RP. Em 1996, a gente já tinha escolhido o fornecedor. E assim a gente vem há muito tempo, com esses projetos dentro da CTBC, antecipando o mercado. E o reconhecimento de "fala" está aí, foi um projeto que se antecipou também ao mercado. Tecnologia da informação A área onde eu atuo especificamente, a área de business intelligence, é uma área muito nova dentro de tecnologia da informação. As empresas ainda estão engatinhando, começando a andar nessa área. Nós estamos com o nosso business intelligence andando desde 1998. Hoje, meu trabalho é conseguir todas as informações que existem nos sistemas transacionais da empresa e trazer isso para um ambiente em que essa informação seja utilizada como apoio à decisão. Ela é suporte para o tomador de decisão. São os decision support systems. São sistemas de informações gerenciais. E eles, inclusive, criam uma base muito grande analítica, com um histórico aí de dois, três,

cinco anos, para a empresa poder se basear numa série histórica, para poder projetar o futuro. Então, o business intelligence faz com que todo mundo na empresa tenha acesso a informação de uma maneira mais simples e apóia a decisão dos diretores, dos coordenadores, dos analistas de negócios, com uma maneira mais fácil de se ter informação. Esse sistema é top down. Você começa pelas necessidades dos gestores e o que a empresa precisa de informação. Esses são os indicadores de performance da empresa. Para montar esses indicadores de performance, monta-se um cockpit para a alta administração. É estar batendo o olho e saber se a coisa está boa ou ruim, tanto é que tem um critério de semáforo (se está verde, se está vermelho, se está amarelo), o número, para montar aquele indicador de performance, onde é que está a informação que alimenta aquilo, e é aí que você chega aos sistemas transacionais, aos sistemas operacionais da empresa. De lá, você traz para um armazém de dados. Ali os dados são colocados, organizados, agregados, de forma a mostrar a informação já trabalhada, usável. A gente chamou de projeto date warehousing, inicialmente, mas hoje é um processo de warehousing. Você está sempre buscando a informação, mudando a forma de armazenar, às vezes agregando mais coisas, cruzando mais informações e tirando delas novos indicadores. Isso é necessário, para começar. Quem não estiver pensando como é que vai estar lá na frente não consegue sobreviver amanhã. Está tudo muito dinâmico. Mas você precisa ter instrumental para trabalhar, você precisa ter acesso a treinamento. E nós temos a Internet hoje, que é um portal para o mundo. A gente se cadastra nos sites que tratam desse assunto de warehousing, de sistemas de informações gerenciais, e por ali você tem fontes limpíssimas para beber e conseguir ver o que é que vem pela frente. Inclusive a gente vem questionando desde o ano passado que parece que a coisa está meio quieta: qual é a próxima onda? Depois do RP, veio o CRM, nós estivemos em todas elas. Qual é a grande onda agora? Está todo mundo sem responder. Não sei, eu também estou procurando. Tenho comigo que se investiu muito em sistemas de informação nos últimos anos. As empresas gastaram muito dinheiro com tecnologia da informação, em hardware, em software, em capacitação de pessoal. Acho que está na hora de começar a tirar um pouco para trás, ter retorno desse investimento. Acho que é por isso que o mercado está um pouco calmo, acho que não existe fôlego para lançar nenhum modismo mais, nesse momento. Então, acho que nós estamos passando por uma etapa de maturação disso tudo. Aí, sim, eu imagino que, depois, vem uma nova onda. Internet Lucent e Alcatel se separaram, o Nasdaq caiu 4.2 ontem. Está assim. Apostou-se muito na Internet, gastou-se muito dinheiro, gastou-se, às vezes, mais saliva do que dinheiro também. Mas foi uma decepção grande, no geral. Acho que ainda precisamos maturar um pouco mais a Internet, ganhar a confiança das pessoas.

## COMUNIDADES

Alexandrino Garcia Nessa época heróica, tive muito contato com o Sr. Alexandrino Garcia. Computador para ele era uma coisa assim muito respeitada, e eles gostavam do CPD. A gente recortou a parede e quem passava no corredor via a gente lá dentro. Era um aquário. Fizeram uma parede de vidro, porque era muito importante uma empresa ter um CPD. Quanto maior, mais chique. Então, o CPD era sempre um lugar muito visitado, muito mostrado para as visitas. E o Sr. Alexandrino sempre foi um homem de muita visão. Ele sabia valorizar a produtividade que aquilo trazia, ele tinha a noção exata do que o computador estava alavancando no negócio dele. Eu tenho certeza disso. Ele cuidava muito de saber se os aumentos de tarifa iam entrar naquele mês, se ia dar tempo de entrar naquele mês. Ele queria ser sempre informado disso, e queria ser sempre o primeiro a ser informado se desse algum pau, se fosse atrasar. E ele fazia questão de ser mantido informado a respeito. Sempre levava as visitas lá, era um lugar onde ele gostava muito de levar as visitas, ele e o Dr. Luiz. E ele sabia exatamente o que era, que era um pessoal muito técnico, igual ao de telefonia. Tanto é que, na CTBC, a gente da informática sempre foi muito comparada com os engenheiros de telefonia, de telecom. Acho que ele tinha a dimensão exata do que significava a informática para a CTBC. Ele conhecia bem como é que era o processo de emissão de conta, conhecia claramente. As cautelas de ações, naquela época, ele assinava uma por uma. Então, ele gostava de conhecer como é que aquilo era emitido, se não saltava na numeração, se não perdia uma cautela. Ele olhava, questionava muito essa parte da segurança do computador, se alguém podia burlar, mexer em alguma coisa, se aquilo era seguro, se o ambiente era seguro. Ele muitas vezes passava por lá em finais de semana e pegava o pessoal jogando dama e aí ficava uma fera. Porque eram essas etapas longas que a gente tinha que ter alguma coisa para fazer, mas ele não entendia muito aquilo e achava que tinha outra coisa para ir fazendo: "Não, moço, vai lustrar alguma coisa, deve ter alguma coisa para fazer aí, para limpar, para arrumar". Ficar jogando dama dentro da sala do computador, ele não aceitava isso, não. Para ele era difícil de entender. Porque, na central, o cara, quando não tinha nada, ia limpar relê, sempre tinha o que fazer. No computador, tinha que ter alguma coisinha para limpar também.

## LOCALIDADES

Uberlândia A gente ia para o Uberlândia Clube, que é um clube social que tem bem no centro da cidade, para o soirée dançante. A gente saía de lá sozinhos, para ir para casa a pé, 11:30h, meia-noite. A gente ia chutando latas, porque, naquela época, não existiam sacos de lixo, havia umas latas de lixo. A gente descia a avenida principal, a Afonso Pena, chutando lata de lixo, fazendo bagunça na rua. E não tinha perigo nenhum na cidade. Todo mundo era muito conhecido. Se a gente ia ao cinema, no domingo, era dia da primeira sessão, os meninos iam de gravatinha, eram obrigados a usar paletó ou gravata para entrar no cinema, e era uma coisa muito saudável e muito simples. O final de semana era no Praia Clube. A gente descia muito para o Praia, ia um bando de meninos, todo mundo a pé, eu, meus irmãos, meus primos, todo mundo. Não existia o que existe hoje de preocupação, porque, com os meus meninos, eu não tenho um pingão de sossego enquanto eles estão na rua. Uberlândia era muito calma. Depois do cinema tinha uma sorveteria ou o Bar da Mineira, que era um restaurante. A gente tomava sorvete com guaraná. Era "chuisco" que chamava. Sorvete com guaraná. Esse era o programa. E aí, até 8:30, quinze para as nove, tinha de estar em casa.

## MEMÓRIA

Futuro A CTBC, dentro do contexto Brasil, dessa turbulência toda da privatização, ela é uma heroína. Porque, com tanta injeção de capital estrangeiro, essas empresas chegaram aqui com um poder imenso. E nós achamos que seríamos o peixinho engolido pelos tubarões. E isso não aconteceu. A CTBC continua com uma performance excelente. Temos muita capacitação interna, e a gente vê que isso faz a diferença, visto que a gente tem perdido muita gente para o mercado. Profissional da CTBC é um profissional valioso no mercado de telecomunicações, a gente é muito respeitado no nosso mercado. No ano passado, tivemos a oportunidade de participar de quase todos os eventos, os seminários, os congressos pelo Brasil e nós fomos convidados para palestrar. Tanto a área de tecnologia da informação quanto a área de telecom em si. Acho que a gente está muito bem capacitado para enfrentar esse mercado todo. Agora alguém já anda começando a dizer que esse nosso modelo de privatização foi ruim. E eu acho que se ele sendo ruim, já não machucou a CTBC; imagina ele sendo bom, com cada um tendo preservado os seus direitos? Eu acho que, para a CTBC, o futuro é muito grande, é muito bom. Essas datacenters e ASPs estão emergindo agora. Está se falando nisso há bem pouco tempo, e o Grupo Algar já viu essa possibilidade, acho que há dois anos, e já começou a trabalhar essa otimização. Isso é uma otimização

muito grande, em termos de grupo, de padronização de processos, de ganhos efetivos de custo, de produtividade, de capacitação de pessoal. Então, isso é mais uma antecipação, um passo à frente, antes de todo mundo. Centro de Memória Dar esse depoimento foi muito legal, muito legal. Achei que é uma forma de a gente se perpetuar. Acho que toda a vez que você tem a oportunidade de registrar as coisas que passaram, você está guardando numa caixinha bem guardada e aquilo não se perde. Porque o tempo passa, e as coisas mais marcantes ficam, mas, às vezes, detalhes interessantes vão se perdendo, e eu tenho certeza que, daqui a um tempo, eu vendo isso aí, vou dizer: "Olha, eu não me lembrava disso". Eu tenho certeza. Então, acho que é importante criar memória. Eu ouvi uma gravação do Sr. Alexandrino um tempo atrás, e perguntaram para ele: "Sr. Alexandrino, mas por que é que o senhor conseguiu ir fazendo a CTBC crescer, ir ganhando na área de concessão assim, o que é que o senhor diz, qual é a sua maneira de ver?" E ele falou: "Olha, é porque quando eu olho, eu não olho para a montanha". Salvo engano, é alguma coisa assim, não com essas palavras, mas o sentido era esse: "Não olho para a montanha, eu tento enxergar o que está atrás das montanhas. Eu nunca olhei para as montanhas". Isso é uma coisa que deveria, de vez em quando, passar num telão, dentro das empresas. E ele falava assim: "Menino, esse telefone está funcionando? Cuida bem dele, porque é o cliente que paga o seu salário". O Sr. Alexandrino falava isso há 20 anos: "Quem paga o seu salário é o cliente". Pendurava plaquinha dentro da central onde isso ficava escrito. Ele tinha muita visão de negócio, era muito focado no cliente: "Não tem cabimento o pessoal lá em Franca, uma cidade progressista daquela, não ter telefone. Eu vou por telefone lá" - e saiu esticando linha telefônica, sem concessão. "Depois, a gente vê como é que fica." Acho que isso já deveria estar hoje sendo mais do conhecimento por todo mundo, a gente achar momentos para mostrar esses registros, pegando alguns pontos que são interessantes, para ir puxando as novas gerações. Fica essa memória, e isso serve, não só para quem deu o depoimento, mas para quem quer conhecer um pouco do passado e até entender o presente e imaginar o futuro.